

Professor articulador: encontros de escuta e diálogo nas escolas SESI/RS de ensino médio

Articulator teacher: listening and dialogue meetings at SESI/RS high schools

DOI:10.34117/bjdv7n4-452

Recebimento dos originais: 24/03/2021

Aceitação para publicação: 16/04/2021

Sônia Elizabeth Bier

Mestrado em Educação - UNISINOS

Serviço Social da Indústria- SESI/RS

Endereço:Av. Assis Brasil, 8787 - 91140-001-Porto Alegre/RS – Brasil

E-mail:sonia.bier@sesirs.org.br

Luiza Seffrin Zorzo

Especialização em Atendimento Clínico com ênfase na Psicanálise - UFRGS

Serviço Social da Indústria- SESI/RS

Endereço:Av. Assis Brasil, 8787 - 91140-001-Porto Alegre/RS – Brasil

E-mail:luiza.zorzo@sesirs.org.br

Camila Pereira Alves

Doutoranda em Informática na Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Endereço:Av. Paulo Gama, 110 – 90040060-Porto Alegre/RS – Brasil

E-mail:psicamilalves@gmail.com

RESUMO

Neste relato de experiência, apresentamos uma narrativa sobre o dispositivo grupal denominado *Professor Articulador*, constituído nas Escolas SESI/RS de Ensino Médio para escuta e acompanhamento dos adolescentes destas escolas. O *Professor Articulador* foi inicialmente desenvolvido na Escola SESI de Pelotas, em 2014, e atualmente também opera em outras quatro escolas. As Escolas SESI/RS atuam em turno integral e concebem a aprendizagem a partir dos pressupostos da educação sociointeracionista, com metodologia ativa por meio da pedagogia de projetos, orientada por um projeto político pedagógico que pretende sustentar uma cultura educacional de fortalecimento do diálogo, do reconhecimento das culturas juvenis, da autonomia e do protagonismo dos alunos. A aposta no dispositivo *Professor Articulador* buscou instituir, dentro do ambiente escolar, espaços de escuta e diálogo, acolhendo os diversos temas que são de interesse dos adolescentes, bem como, suas experiências e aprendizagens. A proposta opera por meio da formação de grupos em que cada aluno da escola escolhe um professor para ser seu *Professor Articulador*, de forma que se cria um grupo de alunos que será acompanhado por um mesmo professor. Esta prática acontece a partir da escuta e diálogo que esse professor tece nos encontros individuais com os alunos ou em grupos, com periodicidade quinzenal. Nos *Encontros* do dispositivo grupal, os alunos realizam discussões e reflexões

sobre temáticas que permeiam suas vidas e que de alguma forma se relacionam aos projetos escolares, profissionais e pessoais, dialogando com as diferentes culturas juvenis. Esta proposta se constitui pela escuta e diálogo, pela circulação da palavra, pela relação com o outro, em um percurso que leva em consideração a experiência, no sentido de ajudar os alunos a refletir sobre questões pertinentes ao entrelaçamento das experiências escolares e de vida. A partir do trabalho operado pelo *Professor Articulador*, apostamos que este dispositivo se apresenta como uma operação instituinte dentro da escola, dando visibilidade para temas próprios das culturas juvenis e para a experiência singular dos percursos de aprendizagem de cada aluno, ancorados na escuta e no diálogo presentes no encontro entre aluno-professor-grupo.

Palavras-chave: dispositivo grupal, professor articulador, ensino médio, diálogo, escuta, adolescência

ABSTRACT

In this experience report, we present a narrative about the group device called Professor Articulator, constituted in the SESI/RS High Schools for listening and monitoring the adolescents of these schools. The Articulator Teacher was initially developed in the SESI School of Pelotas, in 2014, and currently also operates in four other schools. The SESI/RS Schools work full time and conceive learning based on the assumptions of social-interactionist education, with an active methodology through the pedagogy of projects, guided by a political pedagogical project that aims to support an educational culture of strengthening dialogue, recognition of youth cultures, autonomy, and student protagonism. The investment in the device of the Articulator Teacher sought to establish, within the school environment, spaces for listening and dialog, welcoming the various themes that are of interest to the adolescents, as well as their experiences and learning. The proposal operates through the formation of groups in which each student of the school chooses a teacher to be his or her Articulator Teacher, thus creating a group of students who will be accompanied by the same teacher. This practice happens based on the listening and dialog that this teacher weaves in individual meetings with the students or in groups, every two weeks. In the group meetings, the students discuss and reflect on themes that permeate their lives and that, in some way, are related to their school, professional, and personal projects, dialoguing with the different juvenile cultures. This proposal is constituted by listening and dialogue, by the circulation of the word, by the relationship with the other, in a path that takes into account the experience, in the sense of helping the students to reflect about issues pertinent to the interweaving of school and life experiences. From the work operated by the Articulator Teacher, we bet that this device presents itself as an instituting operation within the school, giving visibility to themes proper to juvenile cultures and to the singular experience of the learning paths of each student, anchored in the listening and in the dialogue present in the meeting between student-teacher-group.

Keywords: group device, teacher-articulator, high school, dialogue, listening, adolescence

1 INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência, apresentamos a criação e o desenvolvimento do dispositivo grupal denominado *Professor Articulador*, constituído nas Escolas de Ensino Médio do Serviço Social da Indústria (SESI) no Rio Grande do Sul. O dispositivo tem como objetivo acompanhar as singularidades dos percursos trilhados pelos adolescentes matriculados nas escolas de ensino médio de turno integral. As Escolas SESI/RS concebem a aprendizagem a partir dos pressupostos da educação sociointeracionista (VYGOTSKY, 1984, 1993), concebendo uma aprendizagem que é construída na relação com o outro e a partir de uma metodologia ativa vivenciada através do desenvolvimento de projetos de pesquisa vinculados às áreas de conhecimento que estruturam o currículo. Para além dos conhecimentos formais, essa estruturação dos modos de ensinar e aprender presentes na escola de ensino médio tensionaram a criação de um tempo-espço que acolhe as múltiplas questões apresentadas no ambiente educativo pelos sujeitos adolescentes.

Constantemente, deparamo-nos com diversas discussões sobre a relação entre os jovens e a escola (DAYRELL, 2007). Eles atravessam um momento importante de suas vidas, permeados por dúvidas, incertezas e angústias frente às novas demandas que a sociedade apresenta. Muitos jovens, ao ingressar no ensino médio, sentem a pressão pela entrada no mercado de trabalho, cobranças pela escolha da profissão, por resultados rápidos, além de sentirem uma desconexão entre os conhecimentos escolares e a importância deles para seu presente e futuro. Ser adolescente nesse contemporâneo evoca uma experiência de si imbricada num tecido social composto pela aceleração do tempo e excesso de informações, numa sociedade que não para e faz imperar uma lógica de produção permanente e obsolescência dos corpos (SIBILIA, 2015).

Para Larrosa (2002), a cada dia ocorrem muitas coisas, ao mesmo tempo em que nada nos acontece. O excesso de informações a serem consumidas e a falta de tempo, com a velocidade dos fatos e a obsessão pela novidade, impedem a relação significativa entre tudo o que se apresenta. Walter Benjamin faz uma importante análise da sociedade e das condições socioculturais da primeira metade do século XX e observa o que chamou de empobrecimento da experiência. No ensaio *Experiência e pobreza*, o filósofo vai alertar que não resta dúvida de que “as ações da experiência estão em baixa” (2012, p. 123), fruto do desenvolvimento da técnica em detrimento do homem e da necessidade de devorar tudo, tornando assim os sujeitos cansados. Desse modo, questiona o leitor sobre

qual o valor do patrimônio cultural se o sujeito não se apropria mais da experiência (BENJAMIN, 2012). Nas palavras do autor,

Ficamos pobres. Abandonamos, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’ (p. 128).

Ao compreendermos a educação como prática de liberdade e entendermos que a forma mais capilar de desenvolver a relação ensino-aprendizagem se dá pela dialogicidade entre os sujeitos ensinantes e aprendentes (FREIRE, 1987), tomamos a educação como tempo e espaço em que a fala de si e das experiências de liberdade, a partir da produção do conhecimento, são modos para operar a articulação do mundo já existente com aquele que necessita ser criado pelos que chegam e precisam reinventá-lo como sua morada (ARENDDT, 2005). Daí a importância de retomarmos aquilo que o professor Ernani Fiori anunciava no prefácio da obra freiriana *Pedagogia do Oprimido*: a condição de humanização do mundo passa pela possibilidade do sujeito “aprender a dizer a sua palavra” (FREIRE, 1987, p. 9).

Gurski e Pereira (2016) fazem uma discussão sobre a dimensão da experiência na passagem adolescente e refletem que a narrativa é uma das condições para se produzir experiências e enunciações. Os autores pontuam que

Em meio ao apagamento crescente da dimensão da experiência em nosso laço social e na busca de um lugar de enunciação fora da família, o adolescente sofre os efeitos da desmoralização da experiência, da ausência de diferença geracional e das diferentes dobraduras do tempo. (GURSKI; PEREIRA, 2016, p.436)

Assim, a aposta no dispositivo *Professor Articulador* buscou instituir dentro do ambiente escolar espaços de escuta e diálogo, acolhendo os diversos temas que tocam as questões acima apresentadas e que são de interesse dos adolescentes, bem como suas experiências e aprendizagens. Apostou-se assim que a promoção de encontros com o *Professor Articulador* poderia produzir um elo de conexão entre as aprendizagens formais, as experiências adolescentes e os projetos de vida. A partir disso questionamos: Como opera na escola o dispositivo de escuta e diálogo? Que efeitos esse dispositivo pode produzir na escola e nas experiências escolares dos alunos? São algumas questões das quais nos ocuparemos para narrar o desenvolvimento deste dispositivo grupal.

Para apresentar este relato de experiência vamos contextualizar a concepção política pedagógica da Escola SESI/RS de Ensino Médio e narrar a produção de um dispositivo grupal que opera dentro da organização escolar, a fim de estabelecer com

alunos e professores outros modos de relação para além dos construídos em sala de aula, ancorados pelas narrativas que emergem dos saberes das experiências e situados em um tempo-espaço singular de escuta e diálogo.

2 ESCOLA SESI/RS DE ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA

A palavra ‘escola’, em sua etimologia grega *skholé*, significa ‘tempo livre’, enquanto no latim *schola* quer dizer espaço público de ensino. Pensar o tempo livre e o espaço público onde um sujeito aprende são as pistas condutoras do horizonte em que esse texto se produz. Inspiradas pelas obras de Jorge Larrosa (2018, 2017, 2002), tomamos essa escrita a partir de uma perspectiva que quer ir além da lógica dualista de condenação ou apologia da escola, dando passagem para o que consideramos mais interessante nesses estudos: um elogio da escola. Elogio, no sentido grego da palavra, significa dizer o que é, uma espécie de apresentação (RECHIA *et al.*, 2017), de narrativa singular da experiência escolar; sendo assim, tomamos o elogio da escola como condição narrativa de fazer algo existir.

Desse modo, a escola é compreendida como tempo-espaço em que a experiência de aprendizagem passa do particular/família para o público/democracia, onde todos se tornam alunos e têm o quê aprender daquilo que foi deixado como legado por outras gerações. A escola é um lugar de transmissão dos mundos, que mediando encontros entre as gerações, tensiona renová-los. Constitui-se, assim, como lugar em que é garantido outro tempo, um tempo livre de encontro com palavras e gestos de uma coletividade de encontro teórico-prático de experimentações. A escola é em si a materialização utópica de um importante ponto de partida para uma sociedade que se quer democrática: “cada um pode aprender tudo” (MASSCHELEIN, SIMONS, 2017, p. 22).

Assim, o trabalho desenvolvido nas Escolas de Ensino Médio do SESI/RS é orientado por um projeto político pedagógico que pretende sustentar uma cultura educacional de fortalecimento do diálogo, reconhecimento das culturas juvenis (DAYRELL, 2007), autonomia e protagonismo dos alunos, impactando nos modos de viver as relações com os outros e visando a contribuir significativamente para a construção de aprendizagens conectadas com os desafios deste tempo. O olhar específico para o jovem, para suas experiências e para seu contexto de vida está presente na direção do trabalho realizado na Escola e norteia as práticas educativas, uma vez que a finalidade de sua proposta pedagógica consiste

na busca da autonomia intelectual, por meio de práticas de ação-reflexão-ação, dirigidas para jovens, respeitando seus tempos e espaços de aprendizagens, bem como suas experiências em diversos contextos socioculturais, de forma que tenham a possibilidade de aprimorar habilidades, atitudes e competências para o seu desenvolvimento integral, propiciando, assim, o exercício da sua cidadania e a busca por formação adequada e suficiente para o ingresso e a permanência no mundo trabalho (SESI, 2014, p. 6).

O currículo da Escola SESI busca aproximar os conteúdos escolares das experiências e vivências do dia a dia e pretende desconstruir a ideia de que a escola é meramente uma etapa prescritiva que precisa ser cumprida ou que em nada se aproxima das necessidades reais da vida dos sujeitos. No contexto escolar, é comum percebermos que temáticas importantes na constituição dos jovens ficam apartadas das discussões pertinentes à aprendizagem e à construção do conhecimento, imperando a lógica da primazia do conteúdo, numa perspectiva tecnocientífica de suposta neutralidade. Expectativas futuras, projetos de vida, escolha profissional e mundo do trabalho são assuntos que fazem parte do cotidiano dos jovens e a aprendizagem na escola passa também por dialogar e fazer relação com a vida cotidiana repleta de dúvidas e incertezas frente ao seus presentes e futuros. Assim, busca-se compreender que a vida, em todas as suas dimensões, se apresenta e acontece também nesse tempo-espaço escolar.

Dessa forma, busca-se uma construção sólida da aprendizagem baseada nos princípios do diálogo, trabalho coletivo, responsabilidade social e excelência acadêmica, o que nesta perspectiva significa afirmar que o planejamento pedagógico, as ações escolares e as propostas institucionais dialogam com a perspectiva do cuidado com o outro, com o mundo e com a educação inclusiva para a construção do conhecimento, ou seja, o jovem, as diversas realidades das culturas juvenis pretendem ocupar a centralidade do processo educativo.

3 PROFESSOR ARTICULADOR: A CRIAÇÃO DE UM DISPOSITIVO GRUPAL

A partir da atenção às questões sociais e da perspectiva educacional apresentada anteriormente, foi criado nas Escolas SESI/RS de Ensino Médio, a partir de 2014, o dispositivo grupal denominado *Professor Articulador*. Com o objetivo de auxiliar os adolescentes na articulação e elaboração das diversas experiências e aprendizagens e de contribuir para a construção de projetos de vida singulares, a proposta denominada *Professor Articulador* passou a operar na escola buscando instituir dentro do ambiente escolar um espaço de escuta e de diálogo para os adolescentes, para além do tempo-espaço

de um horário de aula quando os diálogos são produzidos a partir de questões conceituais e curriculares pertinentes a essa configuração.

Dispositivo é uma produção conceitual encontrada na obra foucaultiana e que, nas palavras de Deleuze (1996, p.1), são “máquinas de fazer ver e de fazer falar”, ou seja, não são sujeitos e tampouco objetos, mas sim regimes de forças que se definem pelo que é visível e enunciável. Neste trabalho, o dispositivo grupal surge como uma estratégia desenvolvida institucionalmente como um conjunto de saberes (VOLTOLINI, 2018) que tensiona as relações de poder que constituem uma escola e atravessa as relações estabelecidas entre professores e alunos. Assim, a criação do dispositivo grupal *Professor Articulador* pretende ser um conjunto de estratégias que sustentem um modo coletivo, mas singular de escuta, em que os alunos tenham tempo para narrar e significar o quê lhes passa como experiência (LARROSA, 2002), dizendo as suas palavras, mas também escutando as dos outros.

A proposta funciona por meio da formação de grupos em que cada aluno escolhe um professor para ser seu *Professor Articulador*, de forma que se cria um grupo de alunos que será acompanhado por um mesmo professor durante o semestre. Nomeamos de *Encontro* este momento no qual o professor articulador se reúne quinzenalmente com os alunos para dialogar e escutar as diversas experiências enunciadas.

Nesse dispositivo grupal, são realizadas discussões e reflexões acerca de temáticas que permeiam a vida dos adolescentes e que, de alguma forma, se relacionam aos seus projetos escolares, profissionais e pessoais. Nos grupos mediados pelo *Professor Articulador*, os alunos são convidados a conversar sobre diversos assuntos que se alteram de acordo com as demandas próprias dos integrantes, dos professores e das questões sociais emergentes. Assim, os temas dos encontros estão vinculados ao que nomeamos de *temas estruturantes*. O uso das redes sociais e das tecnologias, a escolha profissional, o mundo e mercado de trabalho, os projetos de vida são algumas das temáticas de discussão articuladas ao contexto social e cultural que se apresenta em cada momento. Embora organizados previamente, eles possuem o objetivo de ofertar caminhos para o diálogo e para as reflexões coletivas de tal modo que não se engesse a proposta com um roteiro fixo e previsível. Além dos temas, somam-se aos encontros a utilização de recursos vinculados à arte, à literatura, à música e ao cinema, como parte das estratégias para ampliar a comunicação, multiplicar e criar sentidos, agregando elementos simbólicos da cultura e do mundo à reflexão e às discussões sobre os saberes das experiências (LARROSA, 2002).

Nesse panorama, o encontro do professor articulador com um grupo de alunos não possui a dinâmica de uma aula. Embora o professor seja um educador integrante do corpo docente da escola, ele ocupará um lugar de mediação junto aos alunos para além da disciplina ministrada, e seu foco será ajudar a articular os conhecimentos e os projetos ligados às experiências de vida dos adolescentes, pensando junto com eles caminhos e alternativas possíveis para as problematizações que emergem dos cotidianos vivenciados: “*Me ajudou a refletir sobre os prós e contras...no primeiro momento pensei em fazer graduação, depois curso técnico e fui percebendo novas rotas*”, como comenta um aluno. Concordamos com Dayrell (2007) quando sustenta que os alunos

demandam dos seus professores uma postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas, ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida. Enfim, parece-nos que demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida, em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino (p. 1125-1126).

A relação singular de confiança e respeito estabelecida nos encontros constitui no desdobramento deste tempo e espaço de escuta e de diálogo uma possível companhia para a travessia de um tempo em que as questões próprias da passagem adolescente (RASSIAL, 1997) se impõem e convocam o sujeito adolescente a tomar uma posição no social. No entanto, essas respostas não se encontram formatadas e prontas *à priori*, mas são construídas na relação com o outro, em um percurso constituído por escuta e diálogo, que levam em consideração a experiência de cada um dos alunos para ajudá-los a pensar e a refletir sobre questões pertinentes ao momento que estão vivenciando. Nas palavras dos alunos, o *Professor Articulador* “*me fez pensar sobre o que eu quero fazer [faculdade, trabalho]*”, “*me ajudou a pensar na minha vida escolar*”, fazendo com que ocupasse o lugar de companhia que ajuda a construir e ampliar possibilidades, escolhas e caminhos de aprendizagem.

Nesse sentido, Paulo Freire, grande educador brasileiro, propôs uma educação crítica, dialógica e articulada ao contexto social do aluno. Em *Pedagogia da Autonomia*, o autor discute e analisa os saberes fundamentais à prática educativa e alerta, como primeiro saber necessário, que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (2020, p. 47). Trata-se de uma educação problematizadora que inclui o diálogo e a escuta como saberes necessários que a prática educativa exige, visando à construção da autonomia do aluno.

Assim, a escuta e o diálogo estão envolvidos no processo de aprendizagem, possibilitando a reflexão e o pensamento crítico. Para Freire,

Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de vez em quando, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto de reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica, a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas (2020, p. 132-133).

A composição de uma reflexão crítica e a criação das rotas possíveis são sustentadas pela instauração de um espaço de fala e de escuta que dá lugar às narrativas, saberes e experiências dos alunos, adolescentes. Falamos de uma escuta que envolve a construção de um laço singular, de abertura e disponibilidade para o encontro com o outro. Dunker (2020), ao trabalhar acerca da noção de escuta, considera que ela demanda investimento ao compará-la a “uma arte que não deixa obras visíveis e monumentais, mas tão somente efeitos e palavras” (2020, p. 123). Assim, escutar não é da ordem procedimental ou que visa colher informações. Ocupar uma posição de escuta e de diálogo requer investimento e tempo, o que se dará a partir de confiança, de respeito, de uma relação singular. Dessa forma, o reconhecimento da importância dos processos de escuta no ambiente escolar oferece a possibilidade de reforçar as trocas coletivas e plurais, de construir lugares de enunciação e de apostar na palavra para promover o pensamento e a reflexão crítica na formação dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tempos e espaços mais curtos para o compartilhamento da experiência, a escola pode ser um espaço potencial para a promoção de diálogo e de escuta dos adolescentes. Com a ampla oferta de informações e conexões digitais, são raros os momentos de compartilhamento, de troca e de construção de saber a partir da experiência. Daí a importância de uma estrutura institucional que abra espaço e tempo na rotina escolar, como pretende ser a estruturação do dispositivo grupal *Professor Articulador* na composição de um fluxo de aprendizagem que faça ver e falar a multiplicidade de questões que os alunos adolescentes vivem neste frenético contemporâneo, o qual não deixa de existir quando eles estão na escola e do qual eles também não se esquecem ao habitar uma sala de aula.

A escuta e o diálogo engendram no ambiente escolar a relação com o coletivo em sua diversidade, possibilitando a construção de lugares de enunciação e apropriação de saberes, a partir da leitura de mundo que cada um em relação com o outro pode fazer. Essa dialogicidade sustenta uma construção escolar democrática, a partir da qual apostamos que este dispositivo se apresenta como uma operação instituinte dentro da escola, dando visibilidade para temas próprios das culturas juvenis e para a experiência singular dos percursos de aprendizagem de cada aluno, estes ancorados no processo de escuta e diálogo presentes no encontro entre aluno-professor-grupo.

Articulados a essa perspectiva, apresentamos neste artigo um recorte de um trabalho que ocorre no âmbito escolar. Acreditamos na importância de dar continuidade ao dispositivo neste contemporâneo e apostamos que elaborações futuras decantem em novas compreensões e problematizações sobre os efeitos possíveis de um dispositivo de escuta e diálogo na escola, dando lugar privilegiado à palavra.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DAYRELL, Juarez. **A escola faz a juventude?** Reflexões em torno da socialização juvenil. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf> Acesso em 18 de março de 2021.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Lisboa: VEGA, p. 83-96, 1996. Disponível em: https://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo#:~:text=%C3%89%20um%20processo%20de%20individua%C3%A7%C3%A3o,disponha%20de%20um%20processo%20semelhante.>. Acesso em 20 de março de 2021.

DUNKER, Christian. **Paixão da Ignorância**: a escuta entre Psicanálise e Educação. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 66ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GURSKI, Rose. & PEREIRA, M. Ricardo. **A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea**. *Psicologia USP*, p. 429-440, 2016.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, p. 20-28, 2002.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. A língua da escola: alienante ou emancipadora? In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

RASSIAL, Jean-Jacques. **A passagem adolescente**: da família ao laço social. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

RECHIA, Karen Christine; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi; PREVE, Ana Maria Hoepers. **Elogio da escola**: o desafio de pensar uma forma sem função. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da Escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SESI. **Projeto Político Pedagógico**. Ensino Médio. 2014

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, LEV S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VOLTOLINI, Rinaldo. A démarche psicanalítica na educação: consequências para o campo na formação docente. In: VOLTOLINI, Rinaldo et al. **Psicanálise e formação de professores: antiformação docente**. São Paulo: Zagodoni, 2018, p. 19-32.